

OS AVÓS DO SÉCULO XXI: DESAFIOS PARA A ESCOLA E A UNIVERSIDADE

*Joaquim Azevedo **

Habitualmente, e com probabilidade por deformação profissional, comparo os seres humanos em contexto educativo a novos atados que, muito lentamente, se vão des-envolvendo, abrindo, manifestando, revelando tal como são, na sua natureza única e irrepetível. Ora nós, os novos, não nos des-envolvemos apenas enquanto crianças. O processo de des-enrolar o novo percorre toda a vida do ser humano, sempre breve e sempre inacabada. Ou seja, as pessoas idosas ainda continuam a des-envolver-se, novos que somos ao longo de toda a vida. A maravilha da descoberta e do questionamento, da procura e da conquista de sentido, é uma maravilha que vai maravilhando tanto as crianças como as pessoas idosas. Este é o meu ponto de partida e este é o fundamento principal da existência de serviços de educação para idosos e com idosos.

Há muito nos habituamos a cruzar os nossos discursos com a «educação para todos» e com a «aprendizagem para todos ao longo da vida». Mas ainda estamos muito longe de percorrer os árduos caminhos para transformar estas ideias-farol em ações concretas, que envolvam e beneficiem os mais idosos dos cidadãos.

A UNESCO há cerca de vinte anos que dedica uma especial atenção à problemática da educação dos adultos e das pessoas idosas. Importa ter presentes as suas reflexões e os seus ensinamentos.

Avancemos um pouco e perguntemos: os sistemas educativos e as instituições de formação estão preparados para acolher as pessoas idosas?

Para começar, gostaria de sublinhar que o «novo público» dos idosos não deverá ser tomado como um mecanismo de fácil fuga para a frente por parte das atuais instituições de ensino, a braços com uma crise de novos ingressos. Por outro lado, a maioria das escolas que temos, a todos os níveis de ensino, inscritos no modelo fabril de que fala Roberto Carneiro, acolhem, instruem e educam muito deficientemente crianças e jovens. Não vamos patrocinar, por isso, a ultrapassagem artificial da falta de «clientes» e as dificuldades em educar crianças e

* Universidade Católica Portuguesa.

jovens, que abandonam precocemente e desqualificadamente escolas e universidades, enchendo-as de novos públicos, ou seja, de novos clientes, os idosos.

Se isto é verdade, também é evidente que as instituições educativas que temos precisam de se adaptar e melhorar os seus dispositivos organizacionais e pedagógicos para acolhermos também os idosos. Mas, primeiro, há um grande caminho a percorrer.

Por facilidade de comunicação perguntamos: para quê criar serviços de educação para as pessoas idosas?

Podemos enunciar um rol de objectivos:

- para melhorar o seu bem-ser e bem-estar, tanto físico, como psicológico e social;
- para sustentar a manutenção da autonomia da pessoa idosa;
- para desenvolver novas atitudes e descobrir novos interesses (voluntariado, acção social, acesso à cultura, responsabilidade cívica, etc.);
- para o desenvolvimento de memória individual e colectiva das pessoas idosas e com as pessoas idosas;
- para recolher e aprender com o legado individual das pessoas idosas à sociedade/humanidade;
- para os idosos poderem transformar informação em conhecimento, num mundo em constante mutação, percorrendo por vezes vias insuspeitadas e erráticas;
- para que os cidadãos idosos mantenham as suas faculdades físicas e intelectuais activas;
- para melhor conhecer os direitos e os deveres dos idosos na sociedade;
- para reflectir sobre o próprio envelhecimento.

Todos estes objectivos são certamente válidos e também por certo incompletos. A educação de pessoas idosas é um direito e um dever de cada ser humano e a todos deveriam ser dadas condições para a sua realização.

Os serviços educativos destinados a pessoas idosas poderiam constituir uma fonte de igualização das oportunidades para os idosos, abrindo as portas aos que menos podem pagar serviços especializados deste tipo.

Quanto à sua missão de des-envolvimento (de pessoas já tão desenvolvidas!) estes serviços de educação devem cuidar de modo muito especial das condições de informação e de aconselhamento das pessoas idosas, tendo em vista o respeito pelos percursos de vida já realizados e a satisfação individual, nos novos contextos de aprendizagem.

As «Universidades da Terceira Idade» (ou de Quarta Idade?) têm sido até hoje os dispositivos mais comuns e versáteis que têm acolhido pessoas idosas e

com elas desenvolvido as mais diversas e curiosas actividades. Estas Universidades deveriam ser repositórios vivos da memória dos povos e das sociedades, beneficiando as comunidades com um património cultural inestimável. Contudo, nem sempre assim acontece, acabando por suceder que estas Universidades se limitam a reproduzir «modelos escolares» que em pouco ou nada valorizam as ricas experiências pessoais, edificadas ao longo de décadas de vida.

É fundamental pois, que nestas instituições de educação cada sujeito esteja bem no centro da actividade educativa¹. O sujeito e as suas necessidades de formação cultural e de participação social, de alargamento dos campos do conhecimento e da experiência, de reflexão sobre o sentido da vida e da procura da transcendência.

As pessoas idosas precisam de um ambiente educativo menos escolar e mais aberto, baseado em projectos de ensino-aprendizagem, na co-educação e na iniciativa do próprio idoso. Um dos piores erros que se poderá cometer, em termos de educação de pessoas idosas, é não conseguir escapar à hegemonia do modelo escolar de educação.

Após séculos de investimento no modelo escolar de formação inicial e de muitas décadas já de construção de modelos de formação contínua e de reciclagem e aperfeiçoamento, chega a hora de investirmos largos anos num *novo* modelo dirigido ao crescimento e à realização pessoal, à compreensão do vivido e à criação de novas possibilidades de olhar o mundo, a vida, as pessoas e a transcendência, de buscar e alcançar redobradamente o ser e o sentido.

Ou seja, o fundamento ético da educação das pessoas idosas talvez seja a questão central para a qual devemos dirigir a nossa reflexão, em primeiríssimo lugar, antes do pulular de iniciativas desgarradas e desconexas, que mais não irão fazer do que reproduzir, em maior ou menor escala, o modelo escolar, funcionalista e utilitarista, profundamente hegemónico nas nossas sociedades.

Urge, pois, dar passos corajosos em direcção a um novo paradigma educativo, a «gerontagogia», um paradigma orientado para a educação das pessoas idosas, valorizando aquilo que elas são e aquilo que poderão ainda vir a ser, ou seja, que provoque e sustente o des-envolvimento contínuo e sereno do novelo que nós somos.

A Universidade Católica Portuguesa, nomeadamente através do seu Instituto de Educação, está disponível para empreender este caminho, em cooperação com outras instituições, dedicando atenção não apenas à actividade de ensino como também às de investigação.

Sobre a investigação, permitam-me uma nota mais. Será necessário investir muito na investigação na área de educação e da formação para que no futuro

¹ Nestas instituições já não deve predominar uma lógica funcionalista, em que predomina o referente da preparação dos cidadãos para o exercício de funções sociais.

saibamos lidar bem, no contexto educativo, tanto escolar como comunitário, com a educação dos idosos. Investigação, por exemplo, sobre os métodos, os tempos e os lugares de aprendizagem que melhor respondam às necessidades dos idosos, investigação sobre as motivações e os comportamento dos idosos face à educação, investigação sobre os modelos de ensino e de aprendizagem típicas de pessoas idosas e suas consequências para o tipo de docentes e de instituições, investigação sobre os modelos de avaliação e sobre a qualificação dos docentes.

Neste esforço permanente de pesquisa é possível e necessário envolver os idosos como objecto e como sujeitos-agentes de investigação, mormente através do desenvolvimento de dinâmicas de investigação-acção.

Concluindo:

A educação das pessoas idosas deveria partir da sabedoria e da alegria que forjam novas inquietações e novos porquês, para acabar na Sabedoria.

«Aquilo de que tenho medo, dizia uma senhora idosa, não é de envelhecer, é do vazio.»

Minha Senhora e Caros Amigos, é por isso que estamos aqui reunidos, convocados pela Universidade Católica Portuguesa.

Obrigado.

27 de Novembro de 2004